

Recensões

John E. JOSEPH. *Language and Identity: National, Ethnic, Religious*: Palgrave, 2004. 268 pp.
ISBN 0-333-99752-2 (Encadernado)

Joaquim Barbosa
joaquim.s.barbosa@sapo.pt
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

1 - O tema do livro: a *identidade* como fenómeno linguístico
À pergunta “Quem sou eu?”, que percorre a reflexão filosófica pelo menos desde que há escrita para o registar, nunca bastou responder apenas com o nome que a cada indivíduo é dado quando, pela primeira vez, é apresentado à comunidade em que nasceu, e que o individualiza perante ela. O que sempre quisemos saber é o que existe em cada indivíduo que, para além do nome, o torna *distinto* dos outros indivíduos da comunidade a que pertence e, simultaneamente, a eles *idêntico*. Chamemos-lhe *si, ego, alma, pessoa, personalidade*, ou, simplesmente, *identidade*, a ideia que cada indivíduo faz de si mesmo – “construída ao longo de anos de experiência e [...] constantemente sujeita a remodelação.” (Damásio 2000:259), num processo em que as pessoas “construct themselves as being a member of several categories and groups” (van Dijk 1998:118) – tem merecido nas últimas décadas a atenção quer da linguística, pelo seu papel na construção das representações mentais, quer de disciplinas como a sociologia, a psicologia social, a antropologia ou as ciências da cognição.

Desde que William Labov iniciou o seu estudo sistemático, a investigação de “all the ways in which social factors influence language and linguistic factors influence society” (Labov 1977:5) tem sido feita quer no âmbito da sociolinguística, quer, mais recentemente,

no quadro da Análise Crítica do Discurso que pretende mostrar “how personal and social identities are shaped in social interactions, and how they are created reproduced, negotiated, imposed or even resisted through discourse.” (Grad & Rojo 2008:8).

Neste ensaio, John E. Joseph – professor de Linguística Aplicada na Universidade de Edimburgo - vai mais longe, apresentando a identidade como um fenómeno linguístico, uma função da linguagem. Consequentemente, desloca a sua atenção da *construção* da representação para a sua *interpretação*, tentando perceber o funcionamento da identidade, pessoal ou de grupo, de modo especial na forma como cada indivíduo interpreta a identidade dos outros baseado na interpretação do modo como falam. Afirmando-se “um linguista por formação e profissão”, (p. x), rejeita, contudo, “any view of language that takes such a reductive approach that vowels or consonants or rules of syntax become more ‘real’ than people who speak” (p. 36), lamentando a ideia de que “only a dehumanised linguistics could be scientific” (p. 227).

Como corolário da sua reflexão, defende, no posfácio, que

[...] any study of language needs to take consideration of identity if it is to be full and rich and meaningful. Because identity is itself at the very heart of what language is about, how it operates, why and how it is used, every day, by every user, every time it is used. (p. 224)

Termina o ensaio afirmando que “The future of linguistics depends upon our ability to reinvent rigour in a way that will allow the full range of the field’s potential scientific applications to be realised.” (p. 227).

2 - Organização do ensaio

Para defender a sua tese, que resume no Posfácio, o autor percorre, ao logo de oito capítulos, a reflexão anterior sobre os conceitos de identidade, de nação e de nacionalismo reunindo e analisando os contributos da linguística tradicional e das disciplinas adjacentes. Inclui ainda dois estudos de caso: sobre o papel da linguagem na(s) identidade(s) de Hong Kong e nas identidades cristã e muçulmana no Líbano.

O conceito de identidade – pessoal, regional ou étnica – e a sua

história são tratados na *Introdução*, onde defende que “language and identity are ultimately inseparable.” (p. 13).

No segundo capítulo – *Linguistic Identity and the Functions and Evolution of Language* – aborda a função da identidade em confronto com as duas funções tradicionais da linguagem, representação e comunicação, e ainda com as funções fática e performativa. A concepção da identidade como um “discurso performativo” – “an identity exists by virtue of the assertion of it people make” (p. 20) – conduz à consideração da identidade como uma função distintiva da linguagem e a uma concepção do significado em que intervêm não só as palavras, mas, na senda de Firth, também o indivíduo que fala e que age.

Os contributos da análise linguística – dos conceitos clássicos e românticos de linguagem, cultura, nação e indivíduo, aos conceitos de *redes sociais*, dos anos 80 do século passado, ou de *comunidades de prática*, dos finais do século – são explorados no capítulo terceiro – *Approaching Identity in Traditional Linguistic Analysis*. O autor detecta, e destaca, (p. 41), algumas mudanças importantes na abordagem linguística do social, em geral, e da identidade, em particular: i) a consideração do papel da linguagem na identidade: uma actividade funcional de pleno direito e não um sub-produto de outras actividades linguísticas; ii) a consideração da linguagem como algo que os falantes controlam e usam para os seus fins; iii) a consideração da interpretação que os outros fazem da identidade; iv) a importância de grupos não institucionais: etnia, classe, género, etc.; e v) a análise da identidade como algo variável, dinâmico e não estático.

A análise dos contributos de disciplinas como a sociologia, a psicologia social, a etnologia, a história cultural ou a filosofia é feita no capítulo 4 – *Integrating Perspectives from Adjacent Disciplines* – e termina com uma secção dedicada às duas abordagens concorrentes da linguagem e da identidade: o essencialismo e o construtivismo.

Partindo de *De vulgari eloquentia*, de Dante – que *descobre* a língua de uma nação que demoraria alguns séculos a surgir politicamente –, passando por António de Nebrija – que descreve a língua “que siempre [...] fue compañera del imperio” (Nebrija 1492: Prólogo), e percorrendo todos os continentes, o autor analisa, no

capítulo 6 – *Language in National Identities* – a função da linguagem na formação das ideias de nação e de nacionalismo.

No capítulo 7 – *Language in Ethnic/Racial and Religious/Sectarian Identities* – mostra que mesmo sem o suporte institucional das identidades nacionais – uma bandeira, um passaporte ou uma moeda – podem com elas coexistir, sem conflitos ou em concorrência, identidades étnicas, religiosas, raciais, ou regionais. A Península Ibérica – com dois “estados-nação”: Portugal e o Reino de Espanha; um “estado sem nação”: o Principado de Andorra; três “nações sem estado”: Catalunha e País Basco, com uma forte identidade de diferença em relação a Espanha, e Galiza, uma com uma identidade separatista mais moderada, mas presente; e ainda as regiões de Valência e Andaluzia, onde a identidade separatista persiste, mas sem força cultural forte – é apontada como “a virtual textbook of configurations of ethnic and national identities” (p. 165).

Os capítulos 6 – *Case Study 1: the New Quasi-Nation of Hong-Kong* – e 8 – *Case Study 2: Christian and Muslim Identities in Lebanon* – são, como os títulos indicam, estudos de caso. O primeiro, sobre a situação linguística de Hong Kong após a passagem para a administração chinesa, onde identidades distintivas estão a emergir devido, sobretudo, à continuação da importância do Inglês e ao desenvolvimento de uma identidade chinesa; o segundo, sobre o papel da linguagem na construção de identidades cristãs no Líbano em confronto com o domínio de séculos do islamismo e onde o árabe é o do Corão.

3 - Apreciação global

Independentemente da posição de cada um em relação às propostas de John Joseph, este ensaio é indispensável a quem pretender estudar o papel da linguagem na sociedade em geral e na da construção da(s) identidade(s), em particular. A análise clara, cuidada e profunda que John Joseph conduz na sua investigação, alicerçada num extenso leque de investigações anteriores, documentadas na extensa bibliografia que apresenta, permitirá ao investigador, ou ao estudante de pós-graduação, desenvolver várias linhas de investigação, quer na linguística, quer em disciplinas afins.

REFERÊNCIAS

- Damásio, A. 2000. *O Sentimento de Si: O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Grad, H.; Martín Rojo, L. 2008. Identities in discourse: An integrated view. In R. Dolón; J. Todolí (Eds.). *Analysing Identities in Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 3-28.
- Labov, W. 1977. *The unity of sociolinguistics*. (Repr.) Trier: Linguistics Agency, University of Trier.
- Nebrija, A. 1492. *Gramática de la llengua castellana*. (<http://antoniodenebrija.org/>, Março de 2010)
- van Dijk, T. A. 1998. *Ideology: A Multidisciplinary Approach*. London: SAGE Publications.